



C
O
R
P
O

D'
Á
G
U
A

UM MERGULHO NO PROCESSO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Isabel de Almeida Monteiro

Corpo D'Água: Um Mergulho no Processo

SÃO PAULO

2021

Isabel de Almeida Monteiro

Corpo D'Água: Um Mergulho no Processo

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção de grau de Bacharelado em Artes Cênicas.

Orientadora - Profa. Dra. Sayonara Pereira

SÃO PAULO

2021

*“Se você vê beleza aqui
Não significa
Que há beleza em mim
Significa que há beleza enraizada
Tão fundo em você
Que é impossível não ver
Beleza em tudo” - R.K*

*Dedico esse trabalho para quem olha para o mundo em chamas
e dança com as labaredas, porque sabe que
água não se queima e a todo momento é preciso dançar.*



AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à David, que foi uma parceria que eu encontrei na vida e minha dupla nessa caminhada. Obrigada por me dar forças, acreditar em mim e sempre me lembrar que ainda tem muita água para correr nessa vida.

Agradeço à Sayô por me mostrar os caminhos da dança e como formar laços fortes através do afeto.

Agradeço ao Fragmento Urbano pelas trocas, o carinho e a força, aprendi que dança também é luta e eu sigo dançando com vocês.

Agradeço à Valmir Paulino, Lai Souza, Krol Borges, Armr'Ore Erormray e Alexys Àgosto pela Coletive Averte, encontrei em vocês parcerias para criar outros mundos, que continuemos dançando em cada um deles.

Agradeço o Ícaro Pio e Azul Marine Vitti, esse projeto carrega um pouco das águas que trocamos em 2019, levo sempre um pouco de vocês por onde eu vou.

Agradeço à Luciane Ramos pela abertura e gentileza, suas palavras acalmaram meu coração e seu texto transbordou nesse percurso.

Agradeço ao Thiago Sonho que mergulhou com a gente e levou esse trabalho para outro nível. Obrigada por acreditar na gente, suas palavras, sugestões e animação foram fundamentais para que chegássemos até aqui.

Agradeço aos alunos da disciplina de Projetos Teatrais II, Emilie, Marcos, Victor, Matheus, Stefane, Laura e Thiago pelas trocas e o olhar carinhoso com o meu trabalho.

Obrigada também a Helena Bastos que ministrou os encontros pelas palavras bem direcionadas e os momentos de respiro no meio do nervosismo de escrever um TCC.

Agradeço também ao Luciano Mendez e a Helena Bastos por aceitarem o convite de participarem desse momento de conclusão comigo, espero que nossos caminhos se cruzem mais vezes.

Agradeço à todos os funcionários, professores, monitores etc do CAC, pela paciência, o carinho e o trabalho duro para manter nosso departamento em pé e seguindo. Esse espaço não seria nada sem as pessoas que dão sangue, suor e lágrimas por eles, e minha trajetória teria sido bem mais seca se não tivesse cruzado com as águas de vocês.

Agradeço à minha família por estarem sempre comigo, não tenho palavras para descrever a importância que vocês têm na minha vida e o amor que eu sinto por cada um.



*“Se equilibra aí irmão, Se equilibra aí irmã, Axé, cuida do seu Orí,
Tá difícil, mas lembre-se, A água sempre encontrou teu caminho,
Seu corpo é 70% água e tá na hora de você ser correnteza!*

E a gente se encontra no Atlântico, cantando um oceano de glórias! ”
Thiago Elniño

*“Trata-se da vida e, portanto, de encontrar uma linguagem para a vida;
e, como sempre, trata-se do que ainda não é arte, mas talvez possa se tornar arte.”*

Pina Bausch

SUMÁRIO

Nascente.....	7
Afluentes.....	12
Lapett.....	13
Fragmento Urbano.....	15
Luciane Ramos Silva.....	19
Barragem.....	23
Mudança de Curso.....	26
Talvegue.....	28
Passa pra lá, Passa pra cá.....	29
Sangue.....	32
Lágrimas.....	35
Suor.....	38
Edição como corpo/coreografia.....	41
Desaguar.....	42
Referências.....	44



NASCENTE

Quando pensamos em um rio, conseguimos entender onde fica sua nascente. Não que achá-la seja fácil, mas é possível ir andando pela sua margem até o lugar em que ele é bem pequenininho e enxergar onde a água começa a correr. Mas e quando pensamos em um projeto, onde é que ele nasce?

Seria óbvio pensar que ele nasceu comigo, e então compartilhamos o mesmo dia e local de origem, já que essa seria a resposta de tudo aquilo que eu venha a produzir ou já tenha elaborado. E embora tudo carregue um pouco da água que me constitui, acredito que cada um tem seu curso e seu manancial.

O percurso que eu vou dividir nesse texto tem um de seus começos em 2019 quando eu estagiei com o grupo Fragmento Urbano. Foi um encontro potente e rico, a abertura e generosidade do grupo em relação a própria pesquisa me fez querer continuar por perto, e então no segundo semestre do mesmo ano eu chamei algumas companheiras de turma para participarmos de uma vivência com eles, chamada “Encruzilhada Style”. Esse pequeno agrupamento, formado por mim e mais três colegas, também se encontrava nas aulas da Nathalia Fonseca sobre o balé da guiné e trabalhava junto em uma matéria na faculdade.

De certa forma vivemos um ano de aproximação à dança onde nossos corpos estavam em um estado de imersão total com um cotidiano que fervilhava movimento. Buscávamos constantemente compartilhar essas vivências juntas, dentro e fora da sala de aula. Começamos a procurar festas, saraus, competições, festivais, peças etc., onde pudéssemos mergulhar nesse universo, experimentar e beber de e com outras pessoas.

Naquele momento estávamos tentando nos unir enquanto coletivo e estávamos empolgadas, desejosas e sedentas por mais, porém logo no ano seguinte o Covid-19 apareceu, desestabilizou e paralisou nossos corpos em casa. Devido a quarentena que se estendeu por quase dois anos, eu vi meu corpo num hiato solitário, sem muita energia e afastado dos meus pares. Acredito que esse foi um sentimento compartilhado por muitas pessoas e, no nosso caso, interrompeu nosso fluxo e diluiu nosso grupo.

Olhando para essa pesquisa eu sinto que tudo isso foi preciso para que ela surgisse, ela é de certa forma o encontro desses líquidos que eu vivi e compartilhei com minhas colegas, e desse período de inércia, em que houve tempo para que essas águas conseguissem aflorar até a superfície e correr.

Correndo foi possível que elas confluíssem com as águas que também jorravam de David, que era uma das pessoas que me acompanhava em 2019. Porém foi apenas no segundo semestre de 2021 que percebemos que ainda caminhávamos por um mesmo curso e que conseguimos nos reencontrar como artistas e movimentar aquelas águas paradas. O momento que nos molhamos juntas foi importante e agora sentíamos a necessidade de escoar essas primeiras experiências. No entanto, ainda vivendo uma pandemia, foi preciso encontrar uma outra forma de fluir e pensar em outras dinâmicas.

Descobrimos juntas a potência que nossos corpos podem ter quando dançam e queríamos continuar investigando isso, entender nossos corpos como parte de uma diáspora negra, ao mesmo tempo em que fosse possível estimular uma visão de mundo diferente da eurocentrada¹.

Percebemos que a Água era um elo forte entre nós, e por uma perspectiva afro-orientada², acreditamos que através dela podemos aprender, dançar, cantar, tocar, e movimentar outros saberes. Não apenas saberes artísticos, mas também aqueles que podem iluminar as questões que aparecem no nosso dia a dia e a forma como nos relacionamos com as outras

¹ O eurocentrismo é uma visão de mundo que tende a colocar a Europa (assim como sua cultura, seu povo, suas línguas etc.) como o elemento fundamental na constituição da sociedade moderna, sendo necessariamente a protagonista da história do homem. Isso se torna algo negativo ao não levar em consideração as inúmeras culturas de civilizações que contribuem para a diversidade sociocultural do mundo. (Eduardo de Freitas. [Mundo Educação](#). Consultado dezembro de 2021)

² Tendo como base a tese “Corpo em Diáspora”, de Luciane da Silva, a nossa ideia de afro-orientação é estruturar e aprofundar conhecimentos a partir de experiências da diáspora africana enquanto forma de organizar elementos tais quais a ancestralidade, a relação vital com os elementos da natureza, a noção de território, o princípio da circularidade, o corpo enquanto mediador da espiritualidade e produtor de saberes, a tradição oral, a noção de universo integrado, a noção de tempo ancestral, pensamentos importantes para as culturas do continente africano como um todo, mas tendo um enfoque maior naquelas que vivem no oeste africano.

peessoas. É uma forma de nos compreendermos como uma reverberação pequena desse cosmo que tem tanto para ensinar.

Ao mesmo tempo, eu estava interessada também em buscar quais eram esses outros artistas que estavam trilhando caminhos parecidos, pensando na diáspora africana³ através de seus corpos e atentos nesses ensinamentos. Sabemos que já tem gente travando essa batalha a muito tempo, de formas múltiplas e nas mais diversas frentes, e nos parece importante criar laços e nos aproximarmos dessas pessoas.

Comecei, então, a pensar em como seria cartografar isso, pensar nesses artistas também como água, e imaginá-los como rios que se encontram, se afastam, passam por muitos lugares e por tanto são diferentes, mas que também carregam algumas águas em comum. E isso nos deu um norte para pensar também o trabalho prático.

Pensando em Água, sabemos que o tamanho desse universo é enorme, por tanto nos pareceu importante escolher um estado/forma do qual parti, vieram então, os rios. Para além disso, buscamos por rios que pudessem existir em nós. Surgiram então núcleos menores como o Sangue, as Lágrimas e o Suor. Falarei melhor de cada um desses no capítulo Talvegue, onde se dará esse mergulho mais profundo pelo processo.

Como no começo não tínhamos muitas expectativas em relação a trabalhar presencialmente, embora conseguíssemos nos ver ocasionalmente, entendemos que não teríamos a constância necessária para o projeto, devido à quarentena e à distância entre nossas casas. Pelo mesmo motivo também começamos a nos questionar sobre quais seriam os métodos necessários para desenvolver nossa proposta e como ela se daria.

Criamos um procedimento que chamamos de “Passa pra Lá, Passa pra Cá”, para conseguir trabalhar dessa forma remota e distante que a pandemia impôs. A princípio, David faria proposições sonoras e eu proposições visuais e gestuais então, juntas, decidimos, a partir disso, fazer um estudo e organizá-lo em um curta metragem.

³ A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nestes fluxos forçados, embarcavam nos tumbeiros (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que acabaram por influenciar na construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino. Estima-se que durante todo período do tráfico negreiro, aproximadamente 11 milhões de africanos foram transportados para as Américas, dos quais, em torno de 5 milhões tiveram como destino o Brasil. (Lorena de Lima Marques. 2019. Consultado em dezembro de 2021 no site [Fundação Cultural Palmares](https://www.fundacaoculturalpalmares.org.br/))

“Buscamos a compreensão do corpo como rede material e de energias, como perspectiva de mundo e lugar do conhecimento” -Luciane da Silva.(Corpo em Diáspora)2017

Se considerarmos, partindo do contato que eu tive com a tese “Corpo em Diáspora” da Luciane da Silva, a perspectiva eurocêntrica ao lidarmos com o corpo, partiremos da premissa que o corpo é algo a ser dominado e na cisão corpo/mente ele vai ser sempre visto como algo inferior, já que é associado com os instintos primitivos e irracionais. Acredito ser importante fazer esse apontamento no momento que escolhemos fugir dessa visão de mundo e entender a dança enquanto ação intelectual e política em uma produção de outras realidades possíveis.

Esse modelo de apreensão da realidade do qual desejamos fugir com esse trabalho habita profundamente todos os lugares de produção de conhecimento, fazendo sempre essa divisão e hierarquização entre a natureza e a racionalidade, olhando para natureza como algo a ser superado e para aqueles que se veem como parte dela como menores ou atrasados.

E justamente por entendermos que o corpo e a arte são territórios de disputas de discursos que buscamos nesse trabalho, através de perspectivas africanas em que corpo e mente são um só e que nós somos também natureza, nos colocarmos como sujeitos de outras narrativas que pela aproximação com o ecossistema e com a nossa ancestralidade, podem entender mais a si próprios por perspectivas mais plurais tendo assim um pouco mais de controle sobre as nossas histórias.

Dessa forma, para mim a dança não aparece apenas como linguagem, mas como uma forma de lidar constantemente com o meu próprio corpo. É uma forma de olhar criticamente para dentro, me estudar e me entender como casa, para quem sabe poder me habitar com tranquilidade. Transformar essas mudanças em aprendizados, em produção artística, perceber que essa consciência de mim mesma pode ser vetor no processo criativo.

“Coreografar meus dizeres para que eles não fiquem guardados em mim” - Douglas Iesus.(Conversas que ocorreram durante a Oficina de Dança e Técnica Corporal em 2021)

Para mim foi um pouco difícil entender que falar de si poderia ser um caminho possível, porque muitas vezes acho que tenho medo de que isso possa me isolar e por consequência não criar nenhum laço ou vínculo com quem for receber, mas acho que quando falamos de um lugar que passa intrinsecamente pelo nosso corpo isso sempre pode ressoar no próximo.

A ideia de buscar formas africanizadas de escritas de si ⁴me fez perceber que eu também estou de certa forma experienciando a diáspora negra, e entender isso de fato tranquiliza essa morada no meu corpo. Acredito que é uma forma de me perceber em movimento e como parte de uma história maior, podendo escolher do que eu quero me aproximar e daquilo que eu quero construir.

“É nesse momento que eu lembro de Rousseau e digo para esse velho suíço que não, não, não, eu não vou ser um fruto do meio, o mundo pode estar uma desgraça, mas desgraça eu não vou ser! Eu vou ser como a água, e filosofia por filosofia eu fico com a africana, e a sabedoria africana me diz que a água sempre encontra um caminho! Eu vim pra ser correnteza!” - Thiago Elniño⁵

Se o corpo humano é composto por 70% de água, isso significa, na filosofia africana, que para além de ser um componente do nosso corpo, nós somos Água. Se é assim, o que de rio existe na gente? de mar? de cachoeira? Será que conseguimos olhar para essas formas d'água como elo ancestral? Como fonte de conhecimento e sabedoria?

Se olharmos para o planeta Terra, veremos que ela também é composta por 70% de água. Podemos acreditar que somos uma reprodução desse macrocosmo, e que observá-lo, entendê-lo, é compreender também o microcosmo que somos e as relações que construímos.

Os rios que se encontram e se misturam, ou aqueles que mesmo no encontro se mantêm separados, os que se desencontram, os que correm para o mar, outros para lagoas, todas as múltiplas possibilidades, podem ser também as infinitas relações que acontecem entre duas pessoas.

Se somos água, o que é que nos diferencia dos rios? Por que nós nos vemos como seres tão distintos? Neste trabalho resolvemos olhar para o sangue, para as lágrimas e para o suor como manifestações dos rios em nós, porque são águas que também correm no nosso corpo. O que seria o encontro delas? Talvez a cada encontro um tipo diferente de emoção seja gerada. A junção do sangue com as lágrimas quando ocorre um machucado pode gerar dor e tristeza, mas esse mesmo encontro no momento que se dá à luz gera emoções completamente diferentes.

⁴ Formas africanizadas de escrita de si são maneiras de interpretar o mundo elaborado por tais culturas, são elementos da composição dinâmica das pessoas e coletividades influenciadas pelas perspectivas africanas. Para um maior aprofundamento ler páginas 65 e 66 da tese “Corpo em Diáspora” de Luciane da Silva.

⁵ Thiago Elniño é músico, nascido em Volta Redonda (RJ) em 1986. Durante a divulgação de seu álbum Correnteza, o rapper fez uma série de vídeos falando sobre as ideias que deram vida a esse último trabalho, a fala à qual eu faço menção veio desse post, disponível no seu [instagram](#).

Pensar no suor que pode vir em um momento de êxtase ou também em um de cansaço. Cada emoção, em seu momento, surge de uma movimentação diferente que fazemos com o nosso corpo.

Será que isso acontece no macrocosmo também? Acredito que sim. Vivemos um momento em que estamos, há algum tempo já, destruindo, desmatando e poluindo o planeta, e vemos hoje que a Terra também reage a isso. A seca, as tempestades, os tsunamis, e outras formas de reação, não são todas movimentações das águas e líquidos do globo terrestre?

Podemos então considerar que a Terra também sente? Que ela também tem emoção? Se somos uma reverberação desse cosmo, então atingi-lo é atingir a si próprio, será que o contrário também é verdade? Será que mexer nossas águas, nosso corpo d'água, é também movimentar as águas do planeta? Não sei, mas quero descobrir.

“Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar” - Siba ([Música](#))2019



AFLUENTES

Eu vejo esse momento, a realização desse projeto, como parte de um caminho que venho trilhando desde o começo da graduação. Ao mesmo tempo que ele está neste lugar de encerramento de um ciclo importante, ele também é para mim abertura, e começo de um novo percurso.

Acredito que foi preciso viver certas experiências e conhecer certas pessoas para chegar até aqui e gostaria de reservar esse capítulo para falar um pouco sobre isso, já que são referências importantes para estar onde estou e para que esse trabalho pudesse nascer.

LAPETT

*“A dança deve ter outra razão além de simples técnica e perícia. A técnica é importante, mas é só um fundamento. Certas coisas se podem dizer com palavras, e outras, com movimentos.” - Pina Bausch
(Dance, senão estamos perdidos)⁶*

Hoje eu vejo que muito do que eu trilhei foi em volta da dança, do meu corpo, e isso só foi possível porque meu caminho cruzou com o da Sayô Pereira, mestra pisciana que abriu os braços e o coração de forma muito generosa pra mim e pra tantos outros alunos. Até então eu não tinha muita experiência na dança, fiz alguns anos de balé de forma muito descomprometida quando era criança, e embora gostasse era apenas uma atividade que eu fazia depois da escola.

Apesar disso eu buscava estar em movimento e sempre senti certa facilidade trabalhando com meu corpo, e era durante as aulas de teatro que eu me sentia mais próxima dele. A princípio eram nos exercícios que trabalhavam expressividade corporal e nas aulas de “corpo” que eu me destacava, mesmo não pensando de forma analítica sobre isso, quando colocada em situações de improviso rápido era sempre através de um gesto, de um movimento, que eu começava.

Entrando na faculdade foi através do apontamento de colegas e de algumas professoras que eu fui tomando consciência disso. Acredito que no primeiro ano as aulas de biomecânica com a Maria Thais e as de dança Teatral⁷ com a Sayô Pereira, foram essenciais para perceber que eu gostava de pensar pelo meu corpo, e me deram também ferramentas para que eu conseguisse trabalhar dessa forma.

Foi em 2018 que eu finalmente fiz o pedido para entrar no grupo de estudos da Sayô, o LAPETT (Laboratório de Pesquisa e Estudos em Tanz Theatralidades), que completou 10 anos em 2021, e é sediado na ECA-USP. E hoje, depois de alguns anos ensaiando semanalmente, eu percebo os efeitos que isso teve na minha formação. Essa aproximação com o Tanztheater me

⁶ Discurso proferido por ocasião do recebimento do título de doutora "honoris causa" da Universidade de Bolonha (Itália). Tradução de José Marcos Macedo.

⁷ Tanztheater - Movimento de dança que ocorreu na Alemanha a partir de 1932, sua característica foi a transcendência da técnica do ballet clássico utilizando-se da dramaticidade do teatro. Teve como seu percussor o coreógrafo e pedagogo Kurt Jooss (1901-1979) e, entre seus seguidores mais conhecidos, que transitam na contemporaneidade, encontramos as coreógrafas Pina Bausch (1940-2009), Reinhild Hoffmann (1943) e Susanne Linke (1944). Em sua Tese de Doutorado, Rastros do Tanztheater no Processo Criativo de ES-BOÇO, espetáculo cênico com alunos do Instituto de Artes da UNICAMP, a autora Sayonara Pereira (2007; 2010) opta em manter o uso da palavra Tanztheater sem tradução, por acreditar que não há necessidade de uma tradução literal, assim como no caso da expressão Comédia Del Arte. Posteriormente, defende que, se houver tradução, a que melhor definiria o uso da expressão seria Dança teatral, por acreditar que a expressão aproxima as duas disciplinas.

deu uma base e técnica que eu não tinha experienciado antes e hoje participa da minha forma de criação.

A consistência desses encontros foi enraizando em mim saberes que vinham da prática, meu corpo foi ganhando consciência de si através das repetições e isso foi me dando liberdade tornar essa linguagem minha e assim conseguir explorá-la. Isso acontece por um olhar carinhoso, mas também rigoroso da Sayô, que vai fazendo essa transmissão precisa ao mesmo tempo que nos fornece ar e espaço para habitar essas novas formas.

O processo de criação que eu vivenciei com o LAPETT foi necessário também para entender como essa linguagem pode ser articulada, e que mesmo existindo uma preocupação com a técnica, dançar vai além disso e está muito mais conectada com a experimentação pelo corpo e as maneiras de como podemos, esteticamente, articular isso, do que uma perícia com a virtuosidade.

Isso é mais um dos fatores importantes nesse espaço, pois essa forma de pensar e o fato de ser um grupo de estudos com pessoas de uma graduação de Artes Cênicas, permite uma abertura para corpos com linguagens variadas se aproximem. Criando no grupo esses diversos backgrounds, o que em alguns cenários poderia ser tratado como um problema, mas que nesse caso é visto e incentivado como se fossem sotaques, sendo, portanto, parte dos intérpretes.

A maneira como a Sayô ministra esse grupo permite que de fato se consiga adentrar nessa artesanaria e aprimorar nossas próprias línguas, é através dessa *metodologia dos afetos*⁸, que ela vai conseguindo acessar os alunos e transmitir sua técnica de uma maneira que não nos enrijece, mas que nos fortalece e passa a ser mais uma ferramenta.

Durante esse estudo eu percebi o quanto de Sayô e do LAPETT existem no meu fazer, no meu pensar corpo e na minha construção criativa. Em muitos momentos, ao explorar as qualidades aquáticas escolhidas, o meu mover começava de algum lugar além do racional, me mobilizando por outros sentidos e me fazendo criar narrativas fora dessa linha tradicional da lógica, buscando com que o sensorial guiasse o trabalho.

O Tanztheater, para mim, foi um ponto de partida. Digo isso porque ele apareceu para mim nesse espaço onde eu começo a me entender como dançante, mas ao mesmo tempo me instigou a buscar outras formas e linguagens. Entender como meu corpo também lida e reage a outras experiências e sotaques, buscar a mesma consistência técnica em outros lugares para

⁸ Ver: DRAMATURGIA DOS AFETOS...(PG.26) IN PEREIRA, Sayonara- ENSAIOS: das experiências com o LAPETT e outros rastros... (2020) Tese de Livre Docência-ECA-USP

poder falar outras línguas, poder falar muitas línguas. A Sayô muitas vezes já me disse a importância de perceber no LAPETT aquilo que pode me ajudar na minha própria caminhada e no meu fazer, e vejo que foi o lugar que, não só me aproximou da dança, mas também me ensinou coisas sobre como ser um grupo, pensar, criar e estudar coletivamente.

É em paralelo com isso, e carregando todas as águas que a Sayô me proporcionou e mexeu em mim que eu vou por aí buscando também outros espaços, danças, técnicas, linguagens e companheiras.

E foi buscando que eu me deparei com o Grupo Fragmento Urbano.

Fragmento Urbano

“A dança é uma forma de expressão, de comunicação com o mundo, que revela histórias de vida, através de uma linguagem extremamente criativa... Vivencie a experiência da dança e através dela conheça a história de seus ancestrais, a sua própria e a da comunidade em que está inserida.” (Videira, 2015)

Fragmento Urbano

Fragmento de quem se faz inteiro nessa cidade

De quem olhou para o lado e se viu inteiro no fragmento do outro
(Apesar das tentativas desse mundo de nos separar)

De quem olhou para trás e aprendeu com a própria história

De quem não esqueceu que essa história, feita de muita luta e resistência, tem também muita dança e brilho

E eles dançam

dançam para não esquecer

dançam para não morrer

e dançam para fazer mexer o que ainda não dançou na gente

A cada passo movimento eu também vou me mexendo

buscando as minhas histórias

E nesse entrecruzar de histórias

ideias

pensamentos vamos juntos buscando o que nos é comum,

ancestral

Eu parto dessa encruzilhada para chegar em muitas outras

O meu caminho cruzou com o Fragmento Urbano em 2019. Primeiro eu assisti um vídeo deles no YouTube, do espetáculo “Encruzilhada”, e aquilo transbordou das telas direto para os meus olhos, escorrendo pela bochecha. A delicadeza, a força e sensibilidade daqueles corpos que dançavam não só na rua, mas com ela, mexeu profundamente comigo.

Eu entrei em contato com eles, e a generosidade e abertura que eles tiveram e têm em relação ao próprio trabalho me encanta até hoje, a forma como eles partilham seus aprendizados e descobertas é admirável, e é o que me faz vê-los como mestres e mestras, mesmo sendo tão jovens. Parti então direto da minha casa no centro da cidade para zona leste, indo parar bem em Guaianazes onde encontrei o Douglas Iesus, diretor e dançarino do grupo, me esperando para irmos para o ensaio.

Lembro que participei da primeira parte do ensaio, e a energia foi tanta, que meu corpinho despreparado teve que parar uns dez minutos para respirar e não desmaiar. Mesmo assim, saí do encontro energizada e animada para os próximos, saí encantada com a forma que o Douglas trazia uma história com cada passo e querendo ouvir mais.

“Fragmento urbano é gesto de re-existência que, nos corre das artes, me dá um respiro. Lugar em que meu corpo não está preso em gestos colonizadores. Em que as histórias e danças vividas em rodopios com meus mais velhos são poesias para as obras desse moleque arteiro.” - Douglas Iesus (Fragmentos de uma Encruzilhada) 2018

Vi no Fragmento uma outra visão do que costumamos chamar de danças urbanas, porque para além de algum estilo específico como o *popping*, *break* ou *locking*, acredito que eles dançam a encruzilhada que é o próprio corpo, trazendo outras danças que também os atravessam.

Participei, durante o ano de 2019, de alguns ensaios em que eles estavam retomando o espetáculo “Encruzilhada” e pude ver como o grupo se articula artisticamente.

“Encruzilhada é um espetáculo para a rua, que discute a atualidade e a ancestralidade de forma ritualística no espaço urbano como um ato de resistência, trazendo danças e manifestações populares contemporâneas que são inferiorizadas no campo das artes e na narrativa hegemônica da História, exatamente por não serem brancas e colonizadoras, mas sim fruto da cultura preta e da resistência indígena.” - Armr'Ore Erormray (Encruzilhada: Caminhos anti-coloniais na Dança) 2020

Consegui, a partir dessa experiência, observar a forma como eles trabalham e mesmo não estando no momento de criação desse espetáculo, através de conversas, aulas e textos, vi algumas metodologias utilizadas na criação coletiva deles.

Um dos métodos de criação que eles utilizam é emprestado do meio musical e se chama *Cozinha*, que é o momento de improviso onde eles trabalham o que foi praticado no começo do ensaio, e em roda tiram um momento para experimentar e observar o outro. É um momento de aguçar o olhar para o que o movimento comunica e que discursos o corpo traz.

Algo que eu considero interessante, e que também é caro a esta pesquisa, é que o olhar deles vai para além da dança, já que os processos deles esbarram com a musicalidade, e o que eles buscam construir como discurso é algo que está em todas as áreas, na maneira que eles se organizam até na forma como eles criam. Vemos então nas músicas utilizadas, no “Encruzilhada” especificamente, uma mistura de ritmos e uma forma de criação que se afeta.

Se nos movimentos guardamos também muitas histórias, nos ritmos e nas letras temos mais partes desses ensinamentos. Muito da cultura afro-diaspórica e ameríndia sobreviveu através de suas manifestações culturais e é através da sua música e da sua dança que muitos povos conseguiram manter suas filosofias, crenças e aprendizados vivos.

Essa mistura que acontece tanto nas danças quanto na busca musical do grupo é a encruzilhada que eles se encontram como artistas, e é um processo constante que eles sistematizaram como Encruzilhada Style.

O Fragmento Urbano me mostrou formas de celebrar a memória dos ancestrais, de que a revolta também pode ser expressão artística e que é preciso garantir nossa permanência na história. O modo como eles trabalham na rua e a energia que eles mobilizam nesses lugares mostra a importância e a força que é dançarmos juntos, trazendo para perto principalmente aquelas pessoas que são sempre excluídas dos meios artísticos. Mostrando aquilo que só o nosso corpo pode dizer.

A encruzilhada das manifestações populares com as Funk Styles para o dançar na rua, expressam também o pensamento anti-colonial que eles promovem e que me afeta diretamente no fazer desse curta.

No segundo semestre de 2019, eu e David participamos da vivência que eles deram em cima do Encruzilhada Style no Sesc Paulista, onde fizemos trocas não só com o grupo mais com muitos outros artistas convidados, nos aproximando de fato da filosofia do Fragmento Urbano, e das nossas próprias encruzilhadas.

Muitas movimentações aconteceram dentro da gente e foi uma experiência necessária para nos aproximarmos das muitas formas que a diáspora negra se manifesta nas artes, espreitando essa ideia que hoje vemos como os muitos rios que carregam um pouco da mesma água.

Foi com eles que eu ouvi pela primeira vez o termo: *danças sociais*, e me parece fazer muito sentido com a pesquisa deles, porque para além de uma técnica específica, eles abordam essas danças também pelos seus contextos, suas histórias e seus corpos. Acredito que essa ideia de uma corporeidade periférica, afro-diáspórica, ameríndia e plural, me aproximou de alguns conceitos que facilitaram o meu entendimento como parte possível dessa caminhada, e me aproximaram de algumas tradições, histórias e movimentações que fazem sentido no meu corpo.

"Muita gente aqui tem fome, mas não é só de comida. Tanta coisa que se tem mas é pouco repartida e o resto que te sobra é a pobreza dividida. Trago em contrapartida minha dança encruzilhada, vivo ela cada dia riqueza compartilhada. Tenho a barriga vazia, mas a mente engatilhada." - poesia criada para o espetáculo encruzilhada

Luciane Ramos Silva

“A lembrança escrita pelo corpo é uma lembrança inesquecível” - Beatriz Nascimento

De uma forma muito diferente meu corpo e essa pesquisa também foram atravessados pela Luciane Ramos Silva. Se os outros me encontraram através dos movimentos, das aulas e do convívio, ela me encontrou pelas palavras.

Foi lendo o doutorado da Luli⁹ que eu consegui entender um pouco as muitas camadas que envolvem uma pesquisa em dança, a minúcia e o estudo. A importância de entendermos o corpo também como um campo de produção de conhecimento e a valorizar aquilo que também é subjetivo no intérprete.

O texto é riquíssimo e traz conceitos que são muito caros a esse trabalho, como a diáspora negra, o olhar afro centrado e o próprio corpo diaspórico. Além de trazer técnicas e histórias que eu não conhecia, me fazendo ter acesso a outras movimentações de uma forma muito diferente das que eu vivi com o Fragmento e o Lapett.

Na sua tese de doutorado em Artes da Cena pela Unicamp, *“Corpo em Diáspora: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny”* (2017), ela trabalha corporeidades africanas e afro-diaspóricas, articulando ideias de pluralidade, movimento, corpo enquanto casa e pedagogia. Em uma perspectiva que transcende os espaços legitimados de poder e tenta reconhecer a historicidade e agência de sujeitos situados no campo de estudo críticos sobre a dança e a cultura.

Ler sobre a experiência dela na Sala Crisantempo¹⁰ me fez entender um pouco melhor como a diáspora africana pode ser vista e estudada partindo de corpos que dançam, e a compreender as epistemologias e metodologias que surgem desse processo.

Na busca, como professora, de entender a própria proposta pedagógica ela constrói uma trajetória onde consegue chegar na ideia de “Corpo Afrodiásporico”. Partindo desse ponto e olhando criticamente para sua pesquisa, passa a delimitar seu campo etnográfico e teórico, canalizando os territórios de investigação, chegando na ideia da “diáspora no corpo que dança”,

⁹ Nome carinhoso pelo qual as pessoas tratam Luciane Ramos Silva

¹⁰ A Sala Crisantempo é uma iniciativa voltada para a educação, pesquisa e apresentação de dança, teatro e música, formada por dois espaços: um estúdio de dança e um teatro multimídia. Localizada na Vila Madalena, São Paulo (SP).

e que se concretiza no termo “Corpo em Diáspora”, que eu sinto que foi o impulso inicial para que essa pesquisa pudesse começar.

“Descolonizar gestos, atos e a língua com que nomeamos o mundo” - Silvia Cusicanqui

Ao buscar essa nova nomenclatura, acredito que se evidencia a multiplicidade que muitas vezes se perde na generalidade do termo “*afro*”. Permitindo também o acesso ao corpo do dia a dia, que é agente ativo, presente e atuante diante das questões que o mobilizam no mundo. Essa forma de ver fez com que meu corpo também se aproximasse dessas questões, eu me vi diversas vezes no discurso que a Luli estava mobilizando.

Além de me fazer perceber que ao inserir essa discussão no campo da produção de conhecimento em dança, estamos pensando na diáspora como *experiência*. Assim, nos deparamos com uma abordagem de diáspora que parte do *movimento*. Partindo desse conceito atravessamos noções tais quais as de exílio, pós-colonialismo, migração, sul global e multiplicidade intercultural. Ideias que eu relaciono também com o que foi vivido com o Fragmento Urbano.

A dança então, por lidar com o sujeito corpo de forma constante, não é vista como linguagem da arte da cena, mas sim enquanto ciência humana, reconhecendo a ideia de um corpo que pensa e buscando horizontalidade na relação entre as artes e as ciências humanas. (SILVA, Luciane. 2017, p.91)

A partir do corpo, e compreendendo que a realidade brasileira, de forma histórica e social, tem em sua base muito da cultura africana, busca-se, apoiando-se em paradigmas africanizados, a emancipação do sujeito. Para isso, é importantíssimo o conhecimento e a consciência sobre o que sabemos de nós mesmos.

“Pretendemos colaborar para a emergência de um corpo que se percebe por completo, capaz de exercer sua liberdade. Ciente das camadas de suas histórias, um corpo que “se vive”, que é vivido, que tem intenção. Um corpo que experimenta o mundo consciente dos pertencimentos pluriversais que possam fazer frente às ideias colonizadoras e repressoras que desafiam as humanidades. Esse anseio contorna também a perspectiva mais geral da pesquisa em seu viés emancipatório, na medida em que propõe a consciência político-social a partir do olhar crítico que almeja a mudança das pessoas e da sociedade.” (SILVA, Luciane.2017, p.90)

A questão, então, não é adestrar o corpo em uma determinada técnica, e sim desconstruir esquemas normatizados de percepção de si e valorizar as camadas de história própria. Buscar a técnica como forma de ampliar o acesso à consciência corporal, atuando como recurso para a construção das danças desejadas.

Isso não significa *se jogar no espaço*, a ideia de um treinamento afro-orientado como um mover inconstante e desregrado é um estigma que, Luciane, tenta destruir em seu texto. A ideia é entender e elaborar o corpo como lugar de pertencimento e resistência, onde seja possível habitar-se com tranquilidade e, como diz Douglas Iesus:- *coreografar seus dizeres para que eles não fiquem guardados dentro de si*.

A autora traz também o conceito de reeducação estética como um objetivo a ser acionado, para que seja valorizada a leitura do movimento como um processo ativo do ser. Ela acredita que essa ideia associada às práticas sociais irá incentivar a consciência nos dançantes do que os aproximam e distanciam de certas linguagens, dessa forma se estabeleceriam relações mais profundas com elas. Para que a linguagem se torne um meio de falar livremente sobre si.

A proposta de Luciane não é buscar regras de “como fazer”, mas partindo de certas orientações, conduções e desconstruções impulsionar o corpo que dança a *mover desde dentro* e descobrir suas camadas, multiplicidades, conectando o afetivo, cognitivo e motor que existe em si, para dessa forma valorizar a ideia de que o corpo não se separa da experiência.

Trabalhando com essa materialidade do corpo, seus símbolos, universo, dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais, Luciane, olha para *corporeidade* como uma construção social, e vê na sua prática docente uma maneira de estimular na pessoa que dança essa consciência crítica sobre si e sobre o mundo.

A noção de pedagogia que ela busca não se refere à procura do método, mas à procura da relação, pensando na transmissão, sendo esse veículo pela qual se percebem os conteúdos. Dessa forma, a técnica não se torna uma forma ou um padrão, mas uma possibilidade organizadora que depende do desejo de quem cria.

Isso é o que a autora chama de *formas africanizadas de escrita de si*, entretanto, ela não busca um referencial cultural específico, mas sim uma compreensão de que cada pessoa possa lidar com sua própria ancestralidade, partindo de sua própria memória e corpo.

“Se eu me realizar, eu estou realizando essa ancestralidade. E a coisa mais difícil é ser você mesmo...” – Marcos Ferreira Santos (Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi.2004, p.27)

Ela tenta incentivar a percepção do corpo em trânsito, capaz de habitar, atravessar e transpassar as culturas e nessas dinâmicas construir linguagens e formas de entender o mundo.

Pensando assim, surgem algumas perguntas como: Qual dimensão podemos dar às experiências tradicionais? Qual o lugar da tradição, para além da relação com as “origens”, dentro do contemporâneo? Como fazer a aproximação com as realidades sociais que se vive no Brasil?

Talvez primeiro seja preciso olhar para os contextos sociais em que essas danças surgem. Entender que os afetos, sacrifícios, as bênçãos, os pesares são, para essas culturas, dançados, tornando-se enunciação. As danças produzem respostas, sensações e interferem no mundo, fazendo com que os sujeitos recriem suas realidades.

“A arte não se separa da vida, antes, abrange todas as suas formas de atividade, conferindo-lhes sentido” – Amadou Hampaté-Ba (1976)

Luciane passa por várias das danças transmitidas em aula falando dos seus contextos específicos, da organização do corpo, dos gestos e compartilha também algumas das questões que surgiram ao tratar, por exemplo, de movimentações que eram feitas apenas pelos homens, mas que em sala eram experimentadas por todas.

Ela diz que o engajamento que a proposta exigia fez com que a prática física, o questionamento teórico e o desenvolvimento criativo não se perdessem, sendo possível buscar o domínio do movimento, da capacidade de trânsito nos diferentes contextos de dança, da técnica e da poética.

A tese de Luciane é muito rica e minuciosa ao tratar de termos, que embora muito importantes, ainda encontram dificuldades ao entrar no campo acadêmico. São conceitos, que embora já venham sendo discutidos há tempos, ainda estão sendo articulados e, de certa forma,

sendo mais disseminados. Por isso, foi uma leitura necessária para que eu conseguisse não só pensar o corpo, mas também entender modos de articular a diáspora na esfera das artes.

*“A função da arte é fazer mais do que falar como as coisas são, mas imaginar coisas possíveis.” – bell hooks
(2010)*



BARRAGEM

O leito do rio de vez em quando se depara com alguns obstáculos em seu percurso, e cabe a ele escolher como lidar com esses empecilhos, ele pode optar por desviar, mudar completamente seu curso, ou até mesmo carregar pelo caminho esses contratempos, o que o rio não faz é parar, a água sempre encontra um caminho e a correnteza cria seu fluxo. Da mesma forma, toda pesquisa e processo criativo se depara com suas próprias dificuldades, e é preciso aprender alguma coisa com elas, achar formas de prosseguir.

No começo desse processo eu sabia que queria trabalhar com a diáspora negra através da perspectiva da dança, queria buscar formas de olhar para essa questão através do meu corpo e sabia que muitas pessoas já vêm fazendo isso há muito tempo.

Minha ideia inicial era entrar em contato com algum desses artistas, tentar perceber o que eles pensam em comum, o que surge de diferenças em seus trabalhos, como a cidade onde eles moram afeta seu estar no mundo e suas criações, como a geração ao qual pertencem movem seus saberes, de onde partem para pensar diáspora, como se sentem em relação à isso, etc.

Queria trabalhar nessa ideia de que cada um deles é um rio e de fato mergulhar em suas histórias, para sair molhada, mexida e cheia de ideias para também promover o meu dançar, também mobilizar as minhas ideias e talvez conseguir formular essas experiências de forma artística.

Imaginei a princípio que a pandemia seria nesse caso um facilitador, pois mesmo longe eu poderia entrar em contato com essas águas através de plataformas de vídeo, que ficaram mais comuns e cotidianas devido ao isolamento que tivemos que viver.

Porém, como promover encontros quando se está só em casa? Como escolher com quais artistas eu queria conversar sem antes ver, sentir os atravessamentos que seus trabalhos proporcionam?

Tentei me apoiar na internet, e comecei a fazer uma pesquisa de quem poderiam ser essas pessoas, mas percebi que a busca digital também não é esse acesso ilimitado à informações que se faz crer por aí, sem saber as palavras, os nomes certos é muito difícil achar o que se procura. E palpito eu que a dificuldade aumenta quando saímos das buscas sugeridas pelos sites de pesquisa para assuntos menos mainstream. Precisei então pedir referências para aquelas que me acompanharam pelo caminho, partindo dessa rede de contato onde a Sayô, a Luli e a Helena Bastos (que orientou a matéria de Projetos Teatrais II) conseguiram me indicar nomes de pessoas próximas, ou conhecidas.

Eu consegui então criar uma espécie de lista de artistas e passei a procurar pessoas de idades diferentes, vindas de lugares distintos e dos mais diversos gêneros, queria ter a chance de conversar com pelo menos 3 ou 4 pessoas, para ter de forma bem ampla e diferenciada essas diversas diásporas.

Porém, eu comecei a encontrar dificuldade de achar trabalhos e materiais disponíveis na rede. Os artistas mais velhos e mais consagrados na área, tinham uma abundância de fotos, vídeos, entrevistas, escritos etc., mas para os outros não conseguia encontrar mais do que um punhado de fotos, fragmentos de vídeos, uma ou outra reportagem e quase nenhum texto escrito.

Comecei a criar uma relação estranha com esses materiais e por consequência com os artistas em si, não conseguia através da tela do meu computador criar laços com o pouco que encontrava e a minha busca me fez sentir como se eu estivesse tratando essas trajetórias como coisas, objetos que eu precisava avaliar, e isso começou a me incomodar.

Apesar de ter encontrado artistas incríveis, com trajetórias e trabalhos que me cativaram e intrigaram, fiquei desejando que esse encontro pudesse ter ocorrido de outra forma. Não quero colocar todos esses sentimentos no fato de não ter tido a oportunidade do presencial, porque eu vejo que, por exemplo, com a Luli não foi preciso o encontro físico, eu consegui encontrá-la

através das palavras e isso facilitou meu contato com ela, fizemos alguns encontros virtuais, participei de algumas aulas e cursos que ela ofereceu e trocamos algumas mensagens, mas por algum motivo esse caminho aconteceu de uma forma mais orgânica.

Eu percebi isso quando eu não tive coragem de abordar esses artistas, e não era uma questão de vergonha, mas uma espécie de receio, vindo desse sentimento de objetificação. Eu não queria tratá-los, seus trabalhos e seus percursos, como coisas que eu estou usando para fazer uma pesquisa e eu não soube abordá-los de uma maneira mais simples e sutil, por que eu não tive o melhor acesso ao que eles produziram.

A vontade de conseguir traçar essa cartografia de rios, entender esse mapa da diáspora negra pela arte no nosso país ainda existe, mas eu entendi que não era esse o momento de começar, são encontros importantes que precisam do seu tempo e lugar para acontecer.

MUDANÇA DE CURSO

Ao me deparar com os obstáculos desse processo e refletir sobre como lidar com eles, eu percebi que estava caminhando agora para outros sentidos, mas ainda carregando muito do que era meu desejo inicial. Acredito que nesse momento é importante uma reflexão sobre aquilo que fica, sobre as coisas que me acompanharam e que mesmo agora, em uma mudança de curso, ainda estão presentes.

Desde o princípio meu foco principal era a possibilidade de poder falar sobre a diáspora negra através da dança, e se agora as conversas com os artistas que já fazem isso não iria mais acontecer é preciso partir de um outro ponto, é preciso partir de mim. Mergulhar mais profundamente no que eu sinto para poder entender quais são as coisas que me motivam nesse trabalho, quais são os meus desejos.

Começo a pensar sobre a Dança, sobre a insegurança de me colocar nesse lugar e não me sentir dançarina porque me falta técnica e experiência. Por que dançar ainda, com tudo isso que eu sinto, é indispensável nesse estudo? Por que colocar isso como fator primordial no meu fazer artístico? Para responder tudo isso talvez seja preciso pensar no que eu estou chamando de dança.

Acredito que para mim, nesse estudo, dançar não é me apoiar em uma técnica única ou partir de uma escola específica, dançar é de fato experienciar meu corpo, conseguir elaborar questões que o atravessam a partir dos meus gestos e movimentos. Usando muito como base as ideias que a Luli levanta no seu texto “Corpo em Diáspora”, o corpo não se separa da vida

vivida, então é importante e é possível olhar para ele como rede material e de energias, como perspectivas de mundo e lugar do conhecimento.

A minha vontade, então, é entender esse lugar que meu corpo tem no mundo, conseguir formular essas experiências que o atravessam e olhar para tudo isso com um olhar de importância, entendo que eu estou a partir dele produzindo saberes também, e mediando sensações, espiritualidades, visões de mundo etc. E já que agora eu estou partindo do meu corpo, da minha experiência, eu conseqüentemente irei trabalhar com questões do meu subjetivo, porém, como diz a Luli, subjetividades não se constroem isoladamente, então é preciso um olhar atento para o meu contexto.

É nesse quesito que eu acredito que a diáspora africana aparece, como uma forma de entender algumas situações que me atravessam e de me aproximar histórica, política e esteticamente dessas Áfricas que fomentam a experiência brasileira, e por consequência, a minha também.

As identidades nunca são unificadas e, no final dos tempos modernos, são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; elas nunca estão singular, mas se multiplicam, construídas em diferentes momentos, muitas vezes interceptando e antagonizando discursos, práticas e posições. Elas estão sujeitas a uma historicização radical e estão constantemente em processo de mudança e transformação... As identidades são, portanto, constituídas dentro, não fora das representações externas. (...) Hall (2003, p. 4. Tradução Luciane Ramos)

Pensar na diáspora e no que significa ser um corpo em diáspora acalmou um pouco a forma com a qual eu me vejo e como eu me identifico no mundo. Entender essa noção de trânsito, movimento e relação que ela traz me fez ver que eu faço parte desse caminho e facilitou com que eu pudesse me aproximar dessas Áfricas.

Quando sentimos a vontade de neste estudo nos guiarmos por perspectivas africanas, é porque entendemos que isso nos constitui de maneira profunda, e que ao nos aproximarmos dessas filosofias, estamos também mergulhando mais profundamente em nós mesmas.



Quando eu me encontrei com David e decidimos mergulhar nesse trabalho foi preciso entender quais caminhos gostaríamos de trilhar e o que queríamos aprender com esse percurso. Descobrir o que movimentava a gente e o que nós queríamos movimentar.

Percebemos que a nossa pesquisa era algo que nos mexia profundamente, e queremos caminhar por muitos lugares com ela ainda, então esse espaço, esse momento, se apresentou para gente como uma primeira imersão, um estudo, sobre essa experiência holística que estamos nos propondo com a Água.

A experimentação em cima desse material, da simbologia que sangue, suor e lágrimas podem carregar, é uma aproximação dos ensinamentos que podemos receber dessa força da natureza. É um estudo que se faz pelo movimento, pelo próprio fazer, é respirando cultura africana que nos inspiramos nessa outra abordagem da pesquisa.

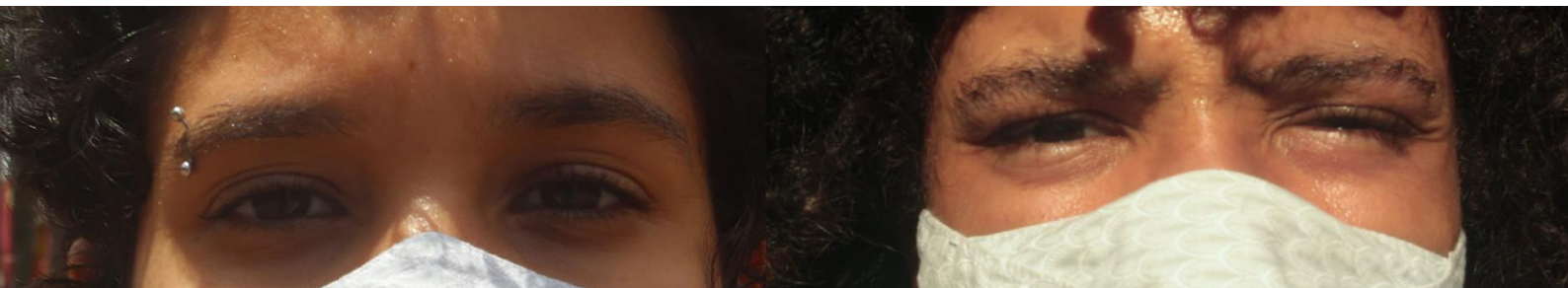
A nossa investigação se dá pelo encontro. Encontro desses dois corpos d'água e encontro da experimentação do movimento com a experimentação sonora, articulados de forma estética e poética através da plataforma audiovisual.

Foi necessário estabelecer um procedimento de criação que nos ajudasse a navegar por essa trajetória, surgimos então com a ideia do “Passa pra Lá, Passa pra Cá”. Precisávamos também reservar um tempo para conversar sobre quais simbologias gostaríamos de resgatar ao falar dos rios que correm pelo nosso corpo, e de forma bem geral chegamos na ideia do **sangue** como ancestralidade, das **lágrimas** como modo de nos limparmos das dores e do **suor** como trabalho, transformação e festa.

Partindo principalmente da experimentação com esses campos é que fomos construindo nosso discurso e articulando as descobertas e saberes que iam aparecendo no nosso caminho, como por exemplo a edição como parte da nossa criação corporal e o como o nosso mover poderia se relacionar com o macrocosmo da Terra.

Para que o leitor possa acompanhar as partículas que fomos criando durante o processo eu fui adicionando link em certas palavras. Basta clicar nas palavras que estão sublinhadas e em azul.

Passa pra Lá, Passa pra Cá



Transbordava em mim e em David uma vontade imensa de criar, de mover, queríamos sair do estado de inércia que a pandemia tinha imposto aos nossos corpos. Ao mesmo tempo, porém, lidávamos com as dificuldades que a crise mundial de saúde trouxe ao nosso cotidiano, nos sentíamos sobrecarregadas física e mentalmente, cansadas e ainda tínhamos que manejar nosso tempo entre trabalho, aulas, outros projetos, vida pessoal etc.

Para mim, particularmente, era muito desafiador achar motivações para criar, me sentia só, e não via sentido em elaborar nada nessas condições. O encontro com David fez esse sentimento se diluir e me mostrou caminhos possíveis para o meu trabalho de conclusão de curso. Porém ainda era preciso criar um espaço onde ambas tivessem condições de produzir, se sentissem leves e respeitadas no seu tempo e nos seus limites.

Quando achamos a direção que nos levou para as águas do corpo, foi necessário pensar na maneira que gostaríamos de trabalhar com as três qualidades líquidas escolhidas, de forma que nos sentíssemos confortáveis com a elaboração do projeto e que pudéssemos fazer descobertas no processo. Sabíamos que o tempo seria uma questão, mas queríamos aproveitá-lo, experimentá-lo, de forma que ao final o curso percorrido pudesse se materializar. Ao invés de gastar horas debatendo e discutindo essas questões, percebemos que poderíamos aprender no próprio fazer, então nos lançamos.

Reservamos alguns encontros para trocar palavras, ideias, vontades do que queríamos fazer e do que seria possível, tentando alinhar nossas questões e desejos, conversando sobre possíveis composições sonoras e corporais para cada qualidade escolhida. Desses momentos

surgiu o que chamamos de “Passa pra Lá, Passa pra Cá”, que era uma forma de materializar o imaginário poético do trabalho, levantar imagens, sensações, ritmos e visões que mais tarde seriam a base do nosso estudo estético.

Nos preocupamos primeiro em como elaborar cada etapa do processo, e só depois que passamos por elas começamos a pensar na composição final. Isso foi importante para que conseguíssemos caminhar com calma, o que nos ajudou no processo criativo.

Fluímos pelo curso, nos permitimos explorar as diversas camadas do nosso processo criativo, da nossa sensibilidade, antes de nos colocarmos limites, definições e barreiras. Foi um processo delicado com o nosso tempo, nosso corpo, onde nos permitimos criar, levantar materiais, para só depois analisá-los, entender sua densidade, suas possibilidades e seus significados. Para a partir dessa observação entendermos o que faríamos com cada um deles.

Cada momento teve três semanas. Na primeira fazíamos uma conversa para gerar um repertório de imagens, sons e ideias ativados pelo **sangue, suor e lágrimas**, pensando também se teriam outras forças da natureza com que cada um poderia se conectar, como eles aparecem nas nossas vidas e que significados podem ter nas vidas dos povos africanos que vieram para as américas. Na segunda semana o objetivo era trazer uma célula daquilo que ficou do primeiro diálogo, apelidamos essa parte de “Passa pra Lá”. Eu levava uma composição corporal e visual, sempre na forma de um pequeno vídeo e David levava uma composição sonora. No momento da troca existia também uma prosa sobre a criação, as descobertas, os resquícios da primeira semana naquilo produzido, a fruição e as direções que nossas experimentações apontavam, etc. Vinha então a terceira semana, em que nutridas por esse câmbio fazíamos o “Passa pra Cá”, momento em que compúnhamos a partir daquilo que tínhamos recebido, e depois fazíamos uma última conversa para entender suas possibilidades. O interessante é que acabávamos sempre com dois vídeos, que eram, de certa forma, as ideias que movimentamos através das nossas falas e trocas condensadas e materializadas.

Acredito que nenhuma das duas imaginava que ao escolher essa forma de trabalho os materiais seriam tão completos e aperfeiçoados. No começo tínhamos a ideia que seriam apenas estímulos, porém, suponho que devido ao meio impessoal que estávamos submetidas, trabalhando e muitas vezes se encontrando através dos computadores, a cada vez que era preciso fazer a troca, era como se trocássemos presentes. Existia uma dedicação e amor no que fazíamos, porque sabíamos que a outra pessoa também receberia com carinho e partiria desse

material para os próximos passos. De certa forma, estávamos nos motivando e inspirando através dessa permuta, então nos dedicamos na feitura de cada uma delas. O Tiago Reis, dançarino do Grupo Fragmento Urbano, disse uma vez: "Sempre que você dança, que você faz um passo, você entrega um presente para quem tá vendo. Você não está disputando para descobrir quem é o melhor, mas presenteando quem está na sua frente". E acredito que isso diz muito sobre nosso "Passa pra Lá, Passa pra Cá", pois era o momento de se abrir, agradecer e retribuir da melhor maneira possível.

Foram nove semanas desenvolvendo essa dinâmica de criação, em que foi possível estudar as qualidades líquidas escolhidas através de imagens, sons e buscando também outras filosofias no percurso. Fizemos, com o tempo que tínhamos, o melhor que conseguimos e mesmo com vontade de se estender e mergulhar mais profundamente em cada etapa, procuramos entender as possibilidades que a própria dificuldade nos impunha e aprender com elas, o que nos ajudou nos experimentos e a pensar a composição final. Foi um momento de imersão, em que encontramos formas de aumentar nossa capacidade criativa e versatilidade no trabalho.

Sangue

Na nossa primeira conversa sobre sangue algumas perguntas vieram à tona: O que de sagrado existe na gente? O que carregamos de ancestral? Pensando nesses questionamentos passamos a olhar para o sangue como o veículo da nossa ancestralidade. Nossas veias desenham no nosso corpo rios que carregam histórias antigas, e é a partir desse pulso que nutrimos os nossos órgãos, nossa vida. O percurso feito por esse líquido vermelho é circular e atravessa nosso coração, nos dando ritmo e orientação pelo caminho.

Lembramos de Katiúscia Ribeiro¹¹, nos encontros do Vagamundo oferecido pelo CPT SESC¹², falando sobre a filosofia do Kemet em que na construção da ideia de alma, o corpo primeiro nasce do cosmos, do universo, ele se forma na ancestralidade e na coletividade, seu sentir e pensar coexistem. E tudo isso se presentifica no coração, pois é o primeiro órgão que se forma, e para que isso ocorra ele recebe da mãe uma gota de sangue. A vida se constitui pela partilha. E essa gota é uma sucessão ancestral sem fim, é uma herança que carregamos e passamos ao próximo. A partir dela é que o nosso corpo carrega a experiência e que nosso coração se torna a morada da consciência, por tanto matéria e espírito são elementos da mesma realidade e não se distinguem. Trazendo essa perspectiva holística da existência, Katiúscia nos explica que o futuro é ancestral, e diz isso pois olha para a ancestralidade que vive na contemporaneidade e como isso nos ajuda a reconhecer essa gota ancestral que atravessa gerações, organiza territórios e foi/é fator primordial para manter viva a população negra, apesar de todos os destroços do colonialismo.

Lembramos também da escritora mineira Conceição Evaristo (1946) que no seu conto, de mesmo nome, diz “A gente combinamos de não morrer”, isso dialoga muito com as ideias trazidas por Katiúscia e com o que tentamos levantar com as simbologias do sangue. Em um dos trechos ela diz também “eu sei que não morrer, nem sempre, é viver” e isso me traz a reflexão sobre o que queremos produzir, pois acredito que nós buscamos trabalhar essas filosofias, estes pensamentos de formas que sejamos alimentadas de vida. Fugir do imaginário

¹¹ Filósofa e doutoranda em filosofia africana. Nascida em 1979 no Rio de Janeiro (RJ).

¹² Centro de Pesquisa Teatral Sesc, fundado em 1982 pelo Antunes Filho, é um espaço de formação de profissionais, mas também de produção de alguns espetáculos artísticos.

que o sangue às vezes traz de dor, morte, desse líquido que escorre para fora de nós, para lembrar de que ele é literalmente vida e história, que corre dentro das nossas veias.

Caminhando por esse outro imaginário, David disse que quando se tampa os ouvidos, aquilo que se escuta é o sangue percorrendo nosso corpo. Essa imagem é muito bonita, e me lembrou do mar, de quando pegamos uma concha e conseguimos ouvi-lo, é como se ele também existisse dentro da gente e estivesse sempre ao nosso alcance.

Foi a partir dessa ideia que eu trabalhei o [“Passa pra Lá”](#), queria explorar esse silêncio que é envolto nos barulhos do nosso coração, e que no meio da pressa do dia a dia, é o que nos conecta com a terra e com quem veio antes, Uma espécie de calma que existe na nossa batida interna, no nosso pulso, explorando também seu curso circular.

Eu fiz essa mesma célula em vários lugares, na rua, na calçada, perto de um lago, no meio dos carros, e fui editando junto com uma batida do coração. Independente do lugar, eu tentava fazer tudo de olhos fechados para dar um pouco essa sensação de calma e de busca interna.



Em algum momento eu comecei a duvidar se o que eu estava fazendo de fato traduzia tudo o que tínhamos conversado, ou de certa forma trabalhava com os mesmos sentidos e

sensações. Acredito que editar o vídeo foi um passo importante para criar uma linha narrativa, e ajudou nessa aproximação do que eu queria passar.

Porém o mais interessante foi receber de volta, de David, o [vídeo](#). Trazendo para a conversa o som da água, que acompanha meus movimentos, me fazendo lembrar que sou corpo d'água, junto com uma bateria-corção, que parte do batimento para caminhar junto com as imagens e transformar em música. A sonoridade, agora mais bem pensada e elaborada, trouxe outras camadas e complexificou a partícula que eu tinha proposto, e me fez perceber como é no trabalho coletivo, de cada uma colocando um pouco de si, que a gente vai construindo algo bonito e que de fato abarque as movências dentro da gente.

Eu recebi de David uma música, [“Me Desenhou”](#), e na hora de fazer o “Passa pra Cá” eu comecei a sentir dificuldades com a questão de coreografar o que eu queria dizer. Diferente da minha primeira proposta, dessa vez eu escolhi fazer alguns improvisos em cima da música e depois editar as partes mais interessantes. Quis trazer também algumas imagens que a música acarretou em mim, então captei água escorrendo da torneira, eu pegando água de um lago, regando uma árvore, etc.

Percebi fazendo uma conexão com as árvores, a forma que a seiva também é uma espécie de sangue, e suas raízes fazem desenhos como os dos rios e as conectam entre si, a aproximação que elas fazem entre céu e terra e lembrei de Luedji Luna quando canta “eu sou uma árvore bonita, eu sou um pé de fruta-fê”¹³. Talvez eu também seja árvore, talvez a árvore também seja água... Me veio, porém, o medo de estar me perdendo nas imagens e não está mais lidando com o sangue, essa edição ficou de fato mais focada na árvore e me pareceu um pouco ritualística.

Claro, que ao fazer esse [vídeo](#) muita coisa foi movimentada, e várias ideias de imagens e edições surgiram. A conexão com o lago, a sobreposição de água na imagem e a possibilidade de colocar várias de mim dançando foram coisas que gostamos e guardamos para o momento de pensar o roteiro final.

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=myn8MXR1cek>

Lágrimas

"O que é, o que é?"

Clara e salgada,

Cabe em um olho e pesa uma tonelada"

-Jesus Chorou (Racionais MC)

É sobre a lágrima

É sobre mim ou sobre quem veio antes?

É sobre todas as lágrimas derramadas antes de eu nascer?

Sobre qual lágrima eu falo?

Qual lágrima caiu de mim?

Não pensei que elas fossem se desprender tão rápido, acho que deviam estar desesperadas para sair

Onde elas ficam se escondendo quando não estão nos meus olhos?

Será que é por isso que eu não consigo falar nunca?

Porque tem uma tempestade guardada na garganta e toda vez que eu abro a boca eu tenho medo do dilúvio que pode sair e logo fecho os lábios, curo os dentes e mordo a língua para que tudo volte a seu lugar

Para que ninguém perceba que eu sou por inteiro água, emoção

e que tem mar dentro de mim que nem eu tive coragem de nadar

Como eu posso mergulhar em mim sem me afogar?

Queria saber respirar debaixo d'água, assim eu poderia ir para as partes mais escuras de mim

Por que sempre que eu tento conhecer essas águas, coloco só a pontinha do dedo, eu sinto que deveria estar fazendo outras coisas, falando outra coisa?

Por que eu acabei esse texto com a sensação que deveria ter escrito outro?

Na nossa primeira conversa sobre lágrimas imediatamente veio a conexão que elas têm com o mar, para além da água salgada, vemos em ambos um poder de cura e limpeza, um ritmo próprio e uma ideia de profundidade, de quem guarda muitas histórias e emoções. Talvez o próprio mar seja formado de lágrimas...

Falamos também sobre o ato de chorar, que seria uma forma das nossas emoções virem à tona quando já estão no seu ápice, borbulhando, e então escapam pelos nossos olhos. Isso nos fez lembrar novamente de Conceição Evaristo com seu conto Olhos D'Água, em que ao nosso ver essa mãe que tem sempre os olhos marejados está a todo momento a flor da pele, com mistos de emoção que vão além da tristeza.

Sabemos que muitas vezes as lágrimas estão associadas com uma certa infelicidade, mas o conto nos lembra de que são sentimentos complexos, podendo ser de alegria, de alívio, de lamento ou uma mistura de muitos outros, que nos fazem chorar.

Percebemos em nós e nas pessoas à nossa volta que existe uma dificuldade, uma barreira, que muitas vezes nos impede de chorar, ou atrapalha esse acontecimento. E a dor que é guardar isso dentro da garganta. Talvez as pessoas vejam esse ato como uma forma de estar vulnerável e por isso o evitem, mas na nossa discussão percebemos que é apenas uma forma de se permitir estar sensível e aberta ao próximo.

Rupi Kaur tem um poema que diz assim “Riachos correm da minha boca, lágrimas que meus olhos não carregam”, e isso me fez pensar muito nesses caminhos que as lágrimas percorrem antes de caírem e o que acontece quando não permitimos que elas sigam seu rumo.

Ao fazer meu “Passa pra Lá” eu tentei imaginar esse deslocamento que as águas salgadas fazem no corpo, seus movimentos de vai e vem, seu ritmo próprio que às vezes é lento e outras mais constante e rápido. Me veio logo um movimento, transmitido pela Sayô, que fazemos sempre aos fins das aulas no LAPETT, que para mim sempre teve uma qualidade aquática, mas que agora me fez pensar nesse caminho de escorrer, trazer para o peito e doar para terra.



Essa doação vem como uma forma de se limpar, se aliviar. Quando deixamos fluir, nos permitimos chorar e derramar essas lágrimas, ficamos mais leves, conseguimos pensar melhor, e é uma forma de lidarmos com o que estamos sentindo e nos curarmos. Só é preciso entender os limites, e não se perder, mergulhar tão profundamente a ponto de não voltar para si.

Fui no meu primeiro [vídeo](#) costurando essas ideias através do acompanhamento, em plano aberto, do caminho das lágrimas de um momento mais sereno, de idas e vindas, até um de mais intensidade para poder chegar ao alívio, à cura. Isso se deu pela sobreposição de vídeos mais aproximados do meu busto e por imagens de um plano baixo que pegava o céu e uma água sendo derramada.

Ao recebê-lo de volta, pelo [“Passa pra Cá” de David](#), eu me surpreendi com a forma que o violão dançava com o meu corpo, parecia que desde o começo eles estavam juntos. Isso trouxe mais camadas narrativas para o vídeo e uma atmosfera mais densa e lacrimosa.

Ao escutar também a primeira [música](#) que minha parceira trouxe no “Passa pra Lá”, eu quis trazer a chuva e o mar, que eram coisas que sonoramente apareciam nessa melodia e em nossas conversas. Se o recurso de transparência era uma coisa que eu usei muito nos processos de edição, dessa vez eu tentei fazê-lo de uma forma diferente. Usei a transparência da projeção, colocando vídeos de uma chuva no meio da mata, do movimento do mar e de uma tempestade de raios, enquanto fazia algumas células de movimento na frente dessas imagens, deixando com que elas pintassem meu corpo.

Na edição desse meu [“Passa pra Cá”](#), fui seguindo o ritmo da música, deixando os momentos mais serenos com o mar ou a chuva, e os de mais intensidade com a tempestade. Fui passando de uma paisagem a outra e dividindo a tela entre elas, aproveitando os momentos de falas, que inclusive são do mesmo conto de Conceição Evaristo, para jogar com o olhar.

Ao ver esses exercícios finais nos veio muito a imagem do encontro do rio com o mar, e pensando nesse imaginário, com o qual estamos trabalhando, o rio é sangue e o mar se transformou nesse ser ancestral, que carrega e que recebeu muitos dos nossos ancestrais. Então de fato ficamos imaginando o encontro do nosso sangue, das nossas identidades, com a nossa ancestralidade e as lágrimas seriam o transbordamento dessas emoções, desse encontro.

Suor

Chegamos enfim ao suor, que foi na nossa caminhada a última experimentação. Lembro que no começo queríamos que esse momento fosse diferente dos demais, não estávamos nos planejando para fazer o “Passa pra Lá, Passa pra Cá” nesse estudo, imaginamos que outro método encaixaria melhor nesse caso.

O suor apareceu para gente como a materialização da capacidade de transformação do trabalho. Uma espécie de cansaço que nos renova, nos leva ao êxtase. Relacionamos muitos com os momentos que vivemos em festas, com o funk, com o coco, com o tambor.

Por isso, fizemos também a associação de que ele também é uma limpeza ativa que fazemos no corpo, e é movimentação. Porém, com as conversas com Thiago Sonho¹⁴, lembramos que ele também pode estar atrelado a emoções como desespero, angústia, ansiedade, agonia. De alguma forma, o suor se encontra nessa linha entre a tensão e o relaxamento.

Nossa vontade inicial, então, era de juntos criarmos essa atmosfera. Queríamos fazer uma espécie de jam, onde conseguíssemos buscar essa frequência do trabalho, do esforço e do êxtase. Pensamos em um lugar de queda d’água, achamos que a cachoeira era uma boa representação dessa qualidade aquática que vive em nós, pela sua força e tamanho.

Nosso plano não deu certo porque quando chegamos na cachoeira ela estava com um volume muito baixo de água, caíam apenas alguns pingos, isso devido ao período de secas que vivemos esse ano. Achei importante contar essa história porquê de alguma maneira me parece dialogar com essa ideia de micro e macrocosmos que levantamos neste trabalho.

A seca não foi à toa, ela é o resultado das mudanças climáticas que vem acontecendo no mundo por interferência das ações humanas e um aviso de alerta para o futuro.

Esse episódio bagunçou nosso planejamento e nos fez optar por seguir o mesmo caminho usado nos dois primeiros estudos. Ao precisar me deparar com o suor e pensar em

¹⁴ Thiago Sonho é baterista, percussionista, produtor musical, pesquisador e professor de bateria. Foi, também, fundamental nesse processo, nos acompanhou, aconselhou e acolheu de forma generosa e gentil. Sua disposição e animação deram outro gás para o projeto e me deixaram ainda mais empolgada com tudo que fomos produzindo. Obrigada Sonho! Para conhecer mais sobre esse artista incrível ou entrar em contato é só acessar o site dele: <https://www.thiagosonho.com.br/>

formas de fazer a minha primeira experimentação eu percebi que a tempos essas águas não corriam por mim.

A pandemia dificultou, ou até mesmo inibiu, minha capacidade de gerar, dar e receber energia, meu corpo parado e cansado do marasmo esqueceu de algumas sensações e ter que trabalhar, acionar isso em mim de novo foi penoso, mas ao mesmo tempo revigorante.

Poder dançar até suar fez acordar muito do que a quarentena eterna que vivemos colocou para dormir. E eu percebi que buscar, estudar e me aprofundar no suor me aproximou da movimentação que eu experimentei com o Fragmento Urbano, apareceram passos, mesmo que desajeitados, das nossas aulas de popping e locking.

Eu lembrei muito também do fronte de batalha que o Douglas Iesus falava nos encontro do Encruzilhada Style, a brincadeira de ataque e esquiva que ele estimulava na gente. E pensando nessa ideia que eu trabalhei no [“Passa pra Lá”](#), tentei trazer imagens da rua, do asfalto, da correria do dia a dia, fiz uma espécie de colagem e trabalhei com imagens de placas de “PARE”, de sombra no asfalto, de pés correndo, do corpo correndo e da respiração cansada. Um elemento que entrou nesse exercício foi a máscara, que virou item tão comum nessa nova realidade, e que dialoga com imagens de quem tem a rua como espaço de guerra.

Foi a edição em que eu mais brinquei com outras imagens para criar uma narrativa que amarrasse as ideias que levantamos, tentei trazer a dinâmica, a pressa, a ansiedade e o cansaço também na forma como montava os quadros e fazia as transições de uma cena para outra.

Com o [“Passa pra Cá”](#) de David, esse exercício ganhou uma música que apelidamos de Hip Rock, e que começava com a bateria-coração e ia ganhando elementos como a guitarra, os pratos e se mesclava com os sons do vídeo original, como o da corrida, dos carros ou da respiração, para amplificar essa sensação agitada e rápida.

É interessante notar que essa etapa do processo nos trouxe duas sonoridades muito diferentes, e que trabalham camadas singulares do suor. Enquanto o Hip Rock trazia uma pegada frenética, dialogando com a tensão da rua, Jogo de Dentro, a música feita no [“Passa pra Lá”](#) de David, se relaciona mais com a limpeza ativa, o êxtase que surge de um cansaço renovador, mas presente nos nossos momentos de festa.

Por mexer com uma outra parte desse imaginário suado, o meu [“Passa pra Cá”](#) foi bem diferente. Um vídeo quase sem edições, um take único em que meu corpo vai brincando com a música e a câmera vai dançando comigo. Em todos os outros exercícios, por estar sozinha, eu

usei muito a câmera estática, escolhia um quadro e apenas a posicionava. Dessa vez eu queria tentar algo diferente e consegui ajuda de Krol, parceiro e amigue que por esses breves minutos me emprestou seu tempo e olhos, e dançou comigo.

Esse jogo da câmera com os meus movimentos trouxe uma relação entre quem assiste e quem dança, pois é como se o espectador dançasse também. Isso foi importante para perceber as possibilidades de leitura que a própria forma de filmar pode ocasionar.



Edição como corpo/coreografia

Durante os estudos eu fui percebendo que a edição era uma parte importante do processo, como desde muito cedo nós sabíamos que iríamos trabalhar com a linguagem de vídeo, a cada exercício isso também aparecia como parte do caminho criativo. Muitas vezes as minhas ideias surgiam partindo da edição e outras tantas eram amarradas nesse processo final.

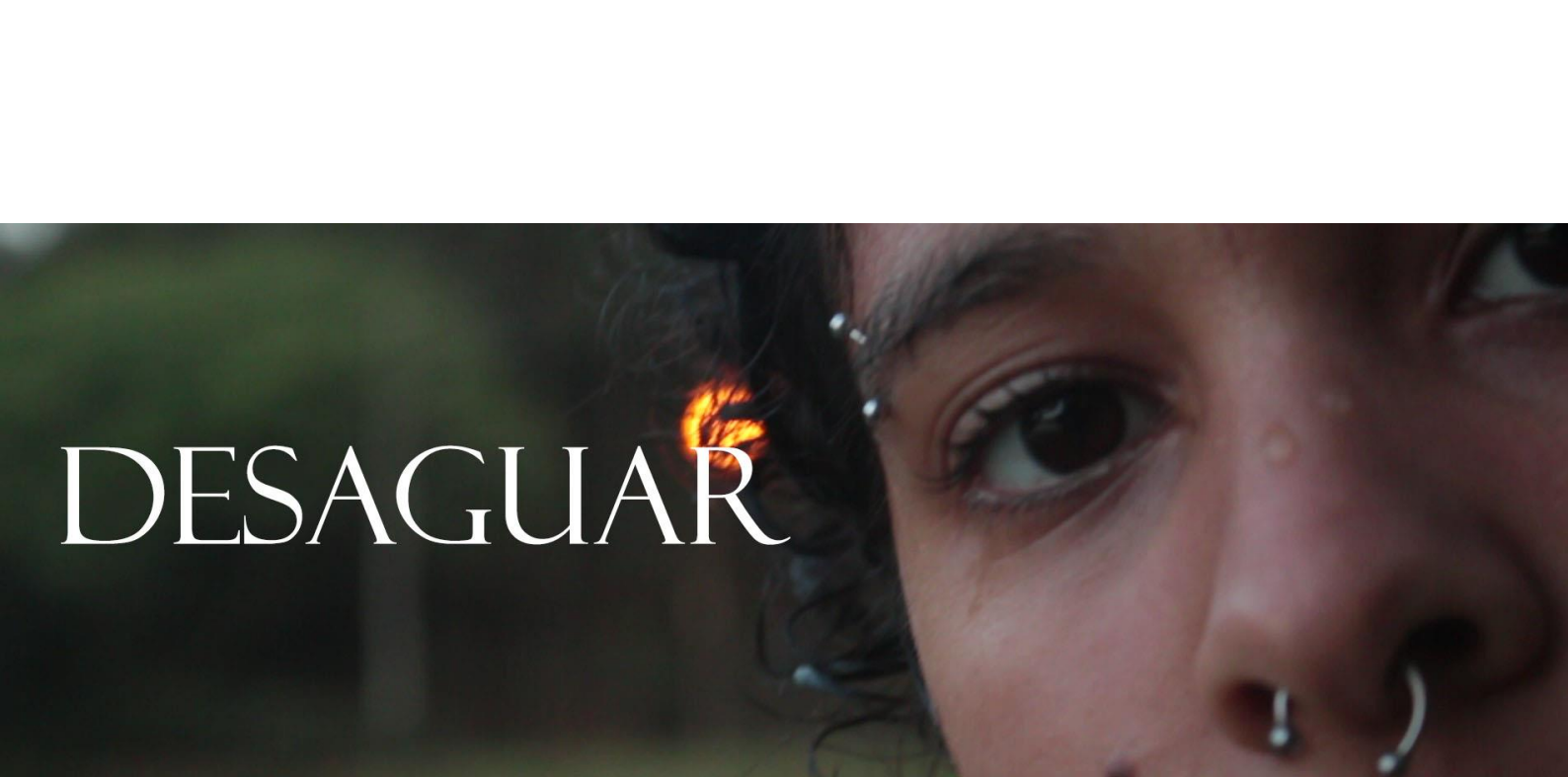
Comecei então a pensar que ela era parte do corpo e dessa tentativa de coreografar meus movimentos, era inclusive após a edição que surgiam outras vontades, ideias e camadas de compreensão. Foi ao mesmo tempo um fator que me ajudou a articular melhor minha narrativa e um ponto de dificuldade, visto que eu fui aprendendo a editar durante os exercícios.

Em muitos momentos, eu sabia o que eu queria fazer ou tinha uma visão de como eu queria que os quadros fossem, mas não sabia executar. Tentava resolver assistindo vídeos de tutoriais sobre o tema ou explorando a plataforma, o que muitas vezes era mais complicado.

De toda forma, olhar para a edição dessa forma foi uma pista que o nosso fazer me deu. A cada estudo eu tentava explorar diferentes formas de organizar as imagens, pensando quais seriam os ritmos, sobreposições e mudanças de câmeras mais interessantes.

Dessas descobertas ressalto o primeiro “Passa pra lá” que eu fiz no sangue, em que a edição ia mudando os lugares onde a mesma célula de movimento acontecia, dando dinâmica e ampliando o espaço. A sobreposição do movimento da água com os meus gestos, nos estudos das lágrimas e os quadros de corrida, um dentro do outro, no momento do suor trazendo essas duas camadas do olhar quando corremos.

Foi importante no momento final, quando estávamos pensando como iríamos amarrar todos esses estudos, já ter vivido a edição, pois isso mudou a forma como coletamos nossas imagens e vídeos.



DESAGUAR

Para onde nossas águas correm agora? Onde elas desaguam? Será que caímos em um rio maior, que nos levará para outros lugares? Ou nos daremos de cara para a imensidão do mar?

Desaguar é mais uma vez deixar fluir tudo que vivemos nesse processo e nos cinco anos de graduação, é enxergar caminhos e tentar desenhá-los em um mergulho. Nada se conclui nesse momento, tudo se abre, e o mar é o encontro de infinitas possibilidades.

Escolhemos então colher um pouquinho de tudo que transbordou de nós neste estudo e juntar os pedacinhos do que aprendemos em um curta metragem. Olhamos para toda essa experiência com carinho e fomos trilhando uma espécie de roteiro dos nossos gestos, sons, imagens, que conseguissem de certa forma transmitir todas as conversas e descobertas que vivemos nesse processo.

Começamos pensando a forma como as músicas conversavam entre si e qual seria um caminho possível para elas. Nossa trajetória teve e tem início pelo coração, pelo sangue, e é assim, evocando nossa ancestralidade, que resolvemos abrir esse estudo final. Cantamos “O que corre em mim”, como parte desse chamado e passamos para o ritmo acelerado dos nossos batimentos, que sua pela nossa pele e chama pela rua.

Aqui ocorre uma mudança na ordem dos nossos estudos, passamos a pensar em um outro sentido para essas águas, que agora é **sangue, suor e lágrimas**. Começamos do mesmo ponto, mas escolhemos passar primeiro pelo ritmo mais acelerado do suor, para então finalizar com essa limpeza serena que as lágrimas promovem.

Seguimos com o “Hip Rock” e logo para o “Jogo de Dentro”. No último momento pensamos em mesclar as músicas que surgiram nos estudos das lágrimas, trazer o violão juntos com os sons de tempestade, chuva e mar, e trazer as palavras de Conceição Evaristo, agora, pela minha voz. Ao fim das nossas práticas, David ainda nos presenteou com uma outra música, [“Que Corre em Mim”](#), que escolhemos colocar no fim do nosso vídeo, para que assim como diz a letra, tudo que vivemos possa continuar correndo e fluindo, não só em nós, mas também em quem assiste.

Paramos para olhar atentamente para as imagens que surgiram nos estudos e com o roteiro sonoro fomos fazendo a costura dos momentos pelos quais queríamos passar. Fizemos então um segundo roteiro, dessa vez só de ações.

Escolhemos começar por uma imagem que não apareceu nos estudos, mas que foi sugerida pelo Thiago Sonho. Para que a ligação entre rio e sangue ficasse mais evidente, ele sugeriu para que recolhêssemos imagens das nossas veias que assim como os cursos d’água tem um padrão fractal. Filmamos também esse corpo saindo do lago e se molhando, para acompanhar o fluxo de água na pele, nossa ideia é que com a edição de trás para frente pareça com que essa água suba dos pés à cabeça, formando o corpo d’água.

A batida do coração nos ajuda nesse momento também a amarrar as ideias e seguir para a escuta interna do sangue circulando por dentro. Conseguimos com a edição ir trocando os espaços e chegar até a rua, onde a tensão aumenta e transacionamos do sangue para o suor.

Nesse momento em que amarramos as ideias do suor, David também entra em jogo e dança, pensando nos estudos de movimento que apareceram nessa parte, recolhemos imagens de ambas correndo, dançando e jogando com a câmera.

Terminamos nosso vídeo desaguando no mar, porque se as lágrimas têm essa qualidade marítima, esse é o lugar para terminar. Nosso rio corre, corre e chega na imensidão do mar.

Mergulhamos, nos banhamos e pedimos benção para continuar. Me vem à cabeça as palavras de Pina Bausch “*quando assisto ao nosso trabalho, ainda continuo a ter a sensação de que acabei de começar*”. Estamos abrindo os caminhos e embora esse texto venha para fechar um ciclo, ele é também o princípio de outros.



BAUSCH, Pina. **Dance, Senão Estamos Perdidos**. Discurso proferido por ocasião do recebimento do título de doutora "honoris causa" da Universidade de Bolonha (Itália). Tradução de José Marcos Macedo. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2708200008.htm>

ERORMRAY, Armr'Ore. **Encruzilhada: Caminhos anti-coloniais na Dança**. São Paulo, 2020 <https://nomeiodacena.weebly.com/encruzilhada-caminhos-anti-coloniais-na-danccedila.html>

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro, 1 ed, Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. **África, um continente artístico**. O Correio da Unesco, v. 4, n. 4, p. 12-17, 1976.

KAUR, Rupi. **Outros Jeitos de Usar a Boca**. Tradução: Ana Guadalupe. 1.ed- São Paulo: Planeta, 2017

MAYUMI, Anelise. **A Partir da Partida: Só depois o Antes Aparece**. Fragmento na Malatessituras de uma re-existência que dança. Guarulhos, 2018.

MAYUMI, Anelise; IESUS, Douglas; CRUZ, Fernanda. **Fragmentos de uma Encruzilhada**. São Paulo: mini, 2018. (Projeto Contemplado pelo 23 Edital de Fomento à Dança).

PEREIRA, Sayonara. **O Teatro da Experiência Coreografado por Pina Bausch**. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 487-521, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/presenca/article/view/76215> . Acesso em: dez/2021.

PEREIRA, Sayonara. **Dramaturgia Dos Afetos...** IN ENSAIOS: das experiências com o LAPETT e outros rastros... (2020) Tese de Livre Docência-ECA-USP

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade:** Resignificação de uma herança cultural. Universidade Estadual de Campinas.

<file:///C:/Users/bebel/OneDrive/Documentos/Livros/2021%20TCC/inaicyra%20falcao/Corpo%20e%20Ancestralidade%20resignificacao%20de%20uma%20heranca%20cultural.pdf>

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade:** uma configuração estética Afro-Brasileira. Repertório, Salvador, nº 24, p.79-85, 2015.1

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade:** estudo dos rituais e mitos de origem afro-brasileira no panorama da dança contemporânea brasileira. Rev.Cient./FAP, Curitiba, v.7, p.11-22, jan./jun.2011

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Dança e Pluralidade Cultural:** Corpo e Ancestralidade. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 31-38, jan. / jun. 2009

SANTOS, Marcos Ferreira. **Crepusculário:** conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi. São Paulo: Editora Zouk, 2004a

SILVA, Luciane. **Corpo em Diápora:** Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny. Campinas, 2017.

TAVERES, Renata. **O Sentido da Verdade e da Linguagem em Pina:** um Estudo Criacional. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 522-538, jul./set. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266078389>

VÍDEOS:

Vagamundos - Um Laboratório Cênico: Abrindo Terreiros - Cosmologias e Cosmo-Percepções Africanas I. CPT- SESC <https://www.youtube.com/watch?v=ikuuWqXe3a8&t=2989s>

SITES:

Mundo Educação: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/eurocentrismo.htm>

Palmares Fundação Cultural: <https://www.palmares.gov.br/?p=53464>

MÚSICAS:

Luedji Luna - Eu sou uma árvore bonita. Lançada em 2017.

<https://www.youtube.com/watch?v=myn8MXR1cek>

Thiago Elniño- Álbum **Correnteza**. Lançado em 2021.

Racionais MC's- Álbum **Nada Como Um dia Após o Outro**. Lançado em 2002.

Siba. Toda Vez Que Eu Dou Um Passo / O Mundo Sai Do Lugar (Slight Return) (part. Mestre Nico). Lançado em 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=sqkepDZqq8>

PlayList criada para inspirar a gente no processo:

<https://open.spotify.com/playlist/3BW3Sy4UZ4jQT7WqqNn7jS?si=5548ca51dbf344f8>